

Cultura Escolar e Currículo Multicultural: Uma Alternativa no Processo de Ensino-Aprendizagem

School Culture and Multicultural Curriculum: an Alternative in the Teaching-Learning Process

Érika da Cruz Gonçalves Noberto¹, Michael Daian Pacheco Ramos², Osni Oliveira Noberto da Silva³

Como citar esse artigo. NOBERTO E. C. G. RAMOS, M. D. P. DA SILVA, O. O. N. Cultura Escolar e Currículo Multicultural: Uma Alternativa no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 73-80, jan./abr. 2023.



Resumo

O objetivo do presente artigo foi discutir acerca do currículo multicultural e a sua influência na cultura escolar. Optamos por um estudo de revisão de literatura embasado nas reflexões de Forquin (1993) e Giroux (1997), McLaren (1998), Sacristan (1998), Silva (2002), Moreira e Candau (2003). Foi possível observar através do diálogo com os autores, que o currículo escolar sofre influência direta da cultura escolar que o cerca. Além disso, esse mesmo currículo pode emanar valores que muitas vezes silenciam outros modos de viver e enxergar o mundo, seja nos aspectos culturais, sociais, religiosos entre outros. Assim, os autores analisados trazem a ideia de currículo multicultural como uma importante ferramenta que poderá garantir um diálogo mais amplo no contexto do ensino-aprendizagem da escola. Entretanto, é importante que mais estudos sejam realizados, inclusive com ida a campo, para que se possa cada vez mais analisar os diferentes elementos influenciados da cultura escolar e do currículo multicultural.

Palavras-chave: Cultura Escolar; Currículo; Multiculturalismo.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

The purpose of this article was to discuss about the multicultural curriculum and its influence on school culture. We opted for a review study based on the reflections of Forquin (1993) and Giroux (1997), McLaren (1998), Sacristan (1998), Silva (2002), Moreira and Candau (2003). It was possible to observe through the dialogue with the authors that the school curriculum is directly influenced by the school culture that surrounds it. In addition, this same curriculum can emanate values that often silence other ways of living and seeing the world, whether in cultural, social, religious, among others. Thus, the analyzed authors bring the idea of a multicultural curriculum as an important tool that can guarantee a broader dialogue in the context of teaching and learning at school. However, it is important that more studies are carried out, including field trips, so that the different elements influenced by school culture and the multicultural curriculum can be increasingly analyzed.

Keywords: School Culture; Resume; Multiculturalism.

Introdução

Este artigo foi construído na disciplina Cultura Escolar, Conhecimento e Organização do Trabalho Pedagógico, ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia.

O elemento principal discutido refere-se à cultura escolar, seus elementos constitutivos, suas influências no currículo da escola e como o currículo multicultural pode ser um importante elemento no processo de ensino-aprendizagem na contemporaneidade.

Afiliação dos autores:

¹Graduada em Administração Pública pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Especialista em Educação Especial e Inclusiva; Psicopedagogia Clínica e Institucional; e Gestão e Planejamento Educacional, todas pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

²Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da UNEB.

³Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato para correspondência Endereço residencial: Avenida Senhor dos Passos, 64. Bairro Vicente Ferreira. Capim Grosso-BA, CEP: 44695-000.

* Email de correspondência: erikanoberto.adm@hotmail.com

Recebido em: 12/01/2023. Aceito em: 23/03/2023.

A cultura faz parte da nossa rotina, desde o momento do nosso despertar até o momento que nos recolhemos para descansar. Somos permeados por cultura. E na escola não é diferente, pois desde nossa chegada, no momento das aulas, nos trabalhos acadêmicos, os projetos realizados com discentes, fazem parte de uma cultura adotada geralmente pelas escolas daquela localidade ou pela própria cidade.

Desta forma podemos compreender o poder que tais culturas tem sobre uma determinada comunidade escolar, desde as simples expressões de rotina, que acaba refletido inclusive na maneira como cada indivíduo realiza seu trabalho, como esse aprendizado é enraizado nos envolvidos e como maneiras de pensar podem ser implantadas ou suprimidas, criando assim uma cultura escolar própria.

Assim a cultura escolar pode influenciar diretamente nas atitudes, nas condutas, nos princípios e também nas relações interpessoais entre educadores, alunos e demais membros da comunidade escolar, onde se difundem valores como submissão, individualidade, domínio e/ou subordinação, respeito a regras e convenções implícitas ou explícitas etc.

Vários autores como Candau (2002), Moreira e Candau (2003), Teixeira e Bezerra (2007), estudaram os elementos da cultura escolar e do currículo multicultural. Por isso, o presente texto trouxe esses elementos dentro de uma reflexão permeada pela literatura acadêmica, tendo como objetivo discutir acerca do currículo multicultural e a sua influência na cultura escolar.

Compreendemos que a cultura que se desenvolve no universo escolar é formada pela interação de programas, currículos oficiais, normas e legislações de um lado; e, de outro, os resultados das ações dos atores envolvidos no desenvolvimento desses programas - professores, gestores, funcionários, alunos e comunidade.

Portanto, temos o entendimento de que a cultura escolar emerge e a identidade de cada escola é construída a partir de modos especiais de comunicar, trabalhar, agir e pensar, que se estabelecem no cotidiano escolar. Dessa forma, por um lado, as crenças e expectativas dos integrantes de todos os segmentos do cotidiano escolar podem ser fortalecidas e consolidadas; e, por outro lado, manifestar oposição aos processos que nela se desenvolvem - formais ou informais.

Aspectos da Cultura Escolar

Inicialmente acreditamos ser importante apontar um conceito de cultura. De acordo com Forquin (1993, p. 14), Cultura pode ser conceituado como o “movimento histórico pelo qual as experiências se acumulam, viabilizando um conjunto de procedimentos definidores de uma dada identidade coletiva e individual dentro de um espaçamento territorial”.

Desta forma o autor ainda afirma que é “no processo de interrelacionar educação e cultura que se dará a seleção no interior da cultura, promovendo uma reelaboração dos conteúdos da cultura destinados a serem transmitidos às novas gerações” (FORQUIN, 1993, p. 14-15).

É provável que a cultura escolar sofra influência direta do contexto sociocultural que a cerca. Para Teixeira e Bezerra (2007), “o currículo, proveniente dos valores do homem branco europeu de classe alta, tornou-se dominante nos sistemas de educação, marginalizando outras experiências e formas de conhecimento”.

A educação escolar, dessa forma, encontra dificuldades para romper com essa perspectiva monocultural que impede a adoção de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade” (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 56). E completam ao afirmar que “os alunos trazem para a escola crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora do seu contexto e que devem ser contemplados” (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 59).

A organização do trabalho pedagógico está diretamente relacionada com a cultura escolar. No que diz respeito a cultura “não existe em lugar nenhum como um tecido uniforme e imutável, ela varia de uma sociedade a outra e de um grupo a outro no interior de uma mesma sociedade” (FORQUIN, 1993, p. 14-

15). Concordando com esta ideia, Sacristán (1998, p.130) amplia a discussão ao afirmar que:

(...) a estrutura da escola, as relações internas, as formas de organização dos professores, sua coordenação, as atividades culturais realizadas, a disposição do espaço, a ordenação do tempo, etc. determinam um contexto organizativo que dá significado particular ao projeto concreto que uma escola tem para seus professores e alunos”.

Portanto, de acordo com Rocha (2008, p. 73) “o currículo escolar está perpassado por valores e pressupostos políticos e ideológicos que necessitam ser desvelados, para que se possam compreender os mecanismos que operam na sua materialização dentro das escolas”.

Cultura Escolar e Currículo

Dentre os diversos conceitos de currículo nos utilizamos daquele definido por Sousa (1997, p. 189), que entende o currículo como um conjunto de vivências que são ordenadas em um tempo e espaço concreto, usado principalmente nas escolas da Educação Básica, Técnica ou Superior que, “dependendo da consciência que possui da situação, poderá intervir nessa realidade no sentido de aceitá-la, rejeitá-la ou transformá-la”.

Além dos elementos que fazem parte dos currículos considerados oficiais, existe também o conceito de currículo oculto, que Silva (2002, p. 78) explica que são todos “aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”.

Assim, é possível inferir que o currículo escolar pode até ser uma barreira social e financeira, pois, por exemplo, se uma coleção de livros exigido pela escola tiver um valor muito alto, poderá interferir na rotina das famílias, o que poderá acarretar a procura por outras instituições que sejam financeiramente mais acessíveis à realidade das famílias, mas com qualidade do ensino inversamente proporcional.

Silva (2002) defende que após o surgimento das teorias críticas e pós-críticas, o currículo não pode ser analisado sem levar em consideração todo o seu significado. E, completa ao afirmar que:

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2002, p. 150).

A própria coletividade estimula à construção de currículos que fortalecem a visão monocultural que se reflete em toda a sociedade, ainda mais que “os valores, os hábitos e costumes, os comportamentos da classe dominante são aqueles que são considerados como constituindo a cultura” (SILVA, 2002, p. 34). Ideia esta que também é defendida por McLaren (1998, p. 116), que afirma que “os sonhos, desejos e valores de grupos seletos de estudantes sobre outros grupos, com frequência discriminando certos grupos raciais, de classe ou gênero”.

O currículo é constantemente influenciado pela cultura da escola, desde a maneira como organizam a sala de aula até a compra do material didático, pois, principalmente em escolas privadas quanto a aquisição de livros, muita coisa é analisada: como o conteúdo dos livros, a quantidade de atividades, se

aquele material vai precisar de outros dispositivos para agregar conhecimento e valor etc.

Segundo Silva (2012, p. 39), o currículo está presente “em todo o processo que conduza o indivíduo à apropriação do conhecimento, desde a estrutura do espaço físico da escola, passando pela formação dos professores até as metodologias e objetivos a serem alcançados nas aulas”

Cada pessoa envolvida no ambiente escolar, tem sua individualidade, e, inconscientemente, suas ideologias e crenças acabam influenciando e interferindo a cultura escolar e seus comportamentos. Assim, a escola precisa levar em conta esses conhecimentos paralelos que acompanham os indivíduos, considerando os seus saberes como parte importante da construção e formação daquele ser, como afirma Freire (2008, p. 77):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos, não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicamente compartimentada, mas nos homens de “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

O currículo é a materialização acadêmica e produto final das relações existentes na cultura escolar. Segundo Teixeira e Bezerra (2007), “a discussão sobre o que deve constituir o ensino escolar envolve diferentes percepções sobre currículo, levando ao entendimento de que a escola está submersa num contexto social e cultural no qual há relações entre conhecimento e poder. Ainda segundo estes autores:

Determinados saberes deveriam ser contextualizados de forma que os alunos entendessem melhor a sua importância e a sua relação com a vida cotidiana, esclarecendo dúvidas para as quais nunca encontram respostas porque elas não fazem parte do currículo. (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 56).

Já de acordo com Rocha (2008, p. 73) o currículo, por ser um construído culturalmente, sempre foi o elemento que constituiu um jeito mais eficiente de organizar o processo de ensino aprendizagem, de maneira que é através dele que “seus elaboradores buscam concretizar a socialização, bem como os fins sociais e culturais que, espera-se, sejam alcançados por intermédio das práticas educativas formais”.

A cultura escolar influencia diretamente o currículo. Segundo Forquin (1993, p. 168) cultura é descrita enquanto um “mundo humanamente construído, mundo das instituições e dos signos no qual, desde a origem, se banha o indivíduo humano, tão somente por ser humano, e que constitui como que sua segunda matriz”.

Já para Giroux (1997, p. 48) a lógica que envolve o currículo e a sociedade dominante é basicamente política e ideológica, isto porque é preciso considerar que enfatiza a maneira “como as escolas funcionam para reproduzir, tanto no currículo formal quanto no currículo oculto, as crenças culturais e relacionamentos econômicos que sustentam a ordem social mais ampla [...] como a própria textura dos relacionamentos cotidianos em sala de aula geram diferentes significados, restrições, valores culturais e relacionamentos sociais”. Para Silva (2002, p. 24):

Isso mostra que existem interesses, disputas e alianças diversas no interior do currículo; portanto, ele se constitui num campo de lutas e conflitos em torno de símbolos e significados e, por isso, a mudança se torna um processo complexo.

Concordando com essa afirmação, Teixeira e Bezerra (2007, p. 62), afirmam que os currículos “encerram processos de dominação que, na cultura escolar, excluem a cultura dos alunos das culturas minoritárias, carentes de incorporação de novos conhecimentos compatíveis com seus valores”. Assim, é importante que uma nova concepção curricular mais inclusiva seja implantada nas escolas.

Currículo Multicultural e o Processo de Ensino-Aprendizagem

Para que se possa superar os problemas advindos de currículos escolares que silenciam a diversidade existente nas salas de aula, autores como Teixeira e Bezerra (2007, p. 59) enfatizam que é preciso levar em consideração a “diversidade cultural e seguindo um currículo multicultural, a escola precisa encontrar novas maneiras de desenvolvimento curricular”.

Ainda segundo os mesmos autores, para que esse objetivo seja concretizado, é preciso levar em consideração que a Educação precisa ter como foco “uma perspectiva que privilegie o estudo de realidades particulares, recebendo e permitindo a participação das culturas das diversas comunidades” (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 59). Assim, definem que o:

Currículo multiculturalista não é aquele que trata a questão da raça e da etnia como “tema transversal” e as questões culturais apenas no nível da informação. Um currículo verdadeiramente multiculturalista é crítico, político e prioriza a diversidade como questão essencial de uma educação que vivencia e debate permanentemente problemas como preconceito e discriminação (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 63).

É provável que o currículo multicultural entre em colisão com a cultura escolar ao propor novos olhares à dinâmica educacional. Candau (2002, p. 99) complementa ao afirmar que “o multiculturalismo não constitui assunto isolado e momentâneo de certa disciplina, mas é objeto, permanente e constante, assumido por todos em diversas ocasiões”.

Para Moreira e Candau (2003, p. 161), “a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização”. Entretanto, enfatizam que é preciso “abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar” (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 161).

Assim, de acordo com Teixeira e Bezerra (2007, p. 62), “o professor precisa agir de forma contraditória às tentativas do currículo homogeneizador, enquanto a escola não deve gerar apenas cidadãos uniformes, moldados por padrões globais, mas sim contribuir para o desenvolvimento de indivíduos com identidades e valores próprios”.

O professor precisa ter opinião firme, onde o mesmo tenha autonomia na sua prática, para que assim a Educação de seus alunos possa ser priorizada e individualizada, na qual os discentes possam ser vistos como indivíduos distintos como são: tendo a sua diversidade respeitada, e não vista como mera limitação ou incapacidade, e não permitindo negligenciar os mesmos. Corroborando essa ideia, Freire (2007, p. 59) afirma que o docente deve respeitar a autonomia do educando e ainda:

O respeito à uma autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão.

Assim, um Currículo multicultural pode ser a mola propulsora para reestruturar o trabalho pedagógico dentro de uma cultura escolar estabelecida. Segundo Teixeira e Bezerra (2007):

O currículo escolar deve (...) considerar as influências históricas de diversos povos e suas contribuições para a organização social e da escola também são formas de explicar a realidade. As diferentes trajetórias, produções artísticas, linguagens, expressões, tradições, identidades e visões de mundo devem ser respeitadas e postas em debate nas escolas, como instrumento de construção de conhecimentos (p. 62).

E continuam, ao afirmar que a escola quando assume os desafios que precisam ser enfrentados, ao invés de ignorar os problemas, compreendendo que a própria escola acaba por reforçar todo o processo de exclusão através de sua cultura escolar, e assimila o quão importante é um currículo de caráter multiculturalista “já está dando seu primeiro passo em favor da construção de uma escola e de uma sociedade mais justa” (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 63).

Um currículo multicultural deverá extrapolar a organização do currículo comum, indo além do que é proposto pelas leis, diretrizes e cultura escolar existente, com o intuito de promover o processo educativo, dentro de uma perspectiva multicultural, “a educação deve ser vista como uma prática social capaz de relacionar-se com diversas dinâmicas presentes na sociedade e de situar-se num contexto histórico e de relações que requer a igualdade e a democracia” (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p. 61).

Desta forma, um currículo multiculturalista, permite que seus envolvidos tenham suas crenças e culturas preservadas, respeitando assim, sua história e seus aprendizados, oportunizando a que cada aluno e professor possa enxergar ambos como produtores de conhecimento, deixando claro que não existe saber mais ou menos importante, pois segundo Freire (2008, p. 68) “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

Podemos exemplificar um currículo multiculturalista, quando analisamos o Documento Curricular Referencial para a Bahia Ensino Médio (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022). Há um chamado para que o currículo faça uma abordagem territorial como uma política de Estado, bem como, dialogue com seus Planos Territoriais de Desenvolvimento Sustentável (PTDS), com ênfase na participação social e governança territorial como práticas cidadãs para o desenvolvimento sustentável, inclusivo e colaborativo (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Outro ponto de destaque é sobre a Gestão territorial, interfaces com a agenda da sociobiodiversidade e da agroecologia: arranjos de desenvolvimento local e das cadeias produtivas, inclusão produtiva de povos/comunidades tradicionais e estímulo ao fortalecimento das estratégias do desenvolvimento rural (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

O referido documento apresenta ainda a necessidade de trabalhar com os Corredores ecológicos nos Territórios de Identidade à luz da ecologia da paisagem: planejamento de turismo local, sua institucionalização, sociobiodiversidade e práticas de observação de paisagens, de grutas, de árvores, cursos e espelhos d’água – onde existirem, de aves e outros animais silvestres de pequeno porte (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Ademais ainda solicita que o paradigma do planejamento ambiental e da ecologia da paisagem, sociobiodiversidade e integrações entre sistemas ecológicos, relações cidade e campo e o contexto das articulações metrópole-região, lógicas de povoamento ante a expansão do desenvolvimento socioeconômico e os modais de transportes na logística do desenvolvimento regional, sejam elementos abordados no currículo (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Deve-se levar em conta também a discussão sobre as Bacias hidrográficas da Bahia: biomas, importância biosocioambiental, vetores estruturantes da dimensão socioeconômica, contribuição

sócio-histórica e econômica e culturas ribeirinhas, gestão das águas – comitês de bacias e sua lógica de funcionamento (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Destacamos também a partir da leitura do documento orientador do currículo a indicação para se trabalhar com os Espaços Quilombolas – marcas da ancestralidade e do senso de pertencimento: dia - críticos para a (re)construção identitária. Como também, os Espaços Indígenas – direitos territoriais, lutas e resistência; etnografia e heranças histórico-culturais; etnodesenvolvimento como perfil de projetos de futuro formulados pelos povos indígenas (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Somam-se a essas orientações a indicação de abordar os Territórios, memórias e pertencimentos dos movimentos sociais populares – a ruptura com o poder colonial e a utopia de um governo com igualdade racial (Revolta dos Búzios); o 2 de Julho no contexto da consolidação da independência política do Brasil; a saga heroica no sertão de Canudos e a representação do diálogo entre histórias, memórias e identidades da história nacional, regional e local nas diferentes temporalidades (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

O documento aborda a necessidade de trabalhar com uma Educação em práticas corporais apresentando as diferentes manifestações da cultura lúdica dos territórios de identidade do Estado da Bahia e suas expressões, principalmente aquelas de origem de matriz afro-brasileira e indígena (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Por fim, solicita-se que seja levado em consideração os Territórios da Bahia, as variações linguísticas e interculturalidades: combinação de traços culturais e a singularização de sujeitos – regiões, linguagem como atividade social, processos linguísticos dos falares baianos, cultura de linguagem e estratégias para o tratamento da variação linguística nas escolas (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2022).

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir o currículo multicultural e como ele afetou a cultura escolar. A partir da discussão com os autores, foi possível perceber como a cultura escolar que a envolve impacta diretamente no currículo.

No entanto, esse mesmo currículo pode irradiar ideais que frequentemente silenciam diferentes estilos de vida e visões de mundo, inclusive culturais, sociais e religiosas.

Como resultado, os escritores em análise apresentam o conceito de currículo multicultural como um instrumento crucial que garantirá uma conversa mais ampla no quadro do ensino e aprendizagem nas escolas.

Importante notar que o currículo do Ensino Médio para o Estado da Bahia aponta uma perspectiva de trabalho multicultural, pois solicita imersões com diferentes territórios de identidade do Estado em suas diversas manifestações.

Acreditamos que é fundamental realizar mais pesquisas, especialmente trabalho de campo, usando ferramentas metodológicas como entrevistas, grupos focais, questionários e diários de campo para que os vários fatores que afetam o currículo e a cultura escolar possam ser examinados progressivamente por uma perspectiva multicultural.

Referências

CANDAU, V. M. **Sociedade, educação e cultura(s):** questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

FORQUIN, J. Claude. **Escola e Cultura:** a sociologia do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993a.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1993b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 6ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35ª edição, São Paulo, SP: Paz e Terra, 2007. 146p.

GIROUX, Henry. **Professores como intelectuais: rumo a Pedagogia Crítica da Aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1997.

SACRISTAN, Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1998.

McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1998.

MOREIRA, AFB; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, no23, 2003, p. 156 – 168.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da Rocha. Reflexões sobre currículo e política curricular. IN: PARÁ, Secretaria de Estado de Educação. **A Educação Básica no Pará: elementos para uma política educacional democrática e de qualidade Pará todos**, 2008, p.71-96.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio**. Governo do Estado da Bahia, Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2022.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. **Os desafios da inclusão nas aulas de Educação Física do Ensino Público regular: mapeando a realidade de Feira de Santana**. 2012. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SILVA, T. T. **Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de et al. Graduação em educação física: avaliando a formação profissional. *In*: SOUSA, Eustáquia Salvadora de & VAGO, Tarcísio Mauro. **Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

TEIXEIRA, C. R.; BEZERRA, R. D. Escola, currículo e cultura (s): a construção do processo educativo na perspectiva da multiculturalidade. **Dialogia**. São Paulo, v.6, p. 55-63, 2007.